

# Isolado, FHC submete-se à cúpula tucana

*Ele associa ao partido as recentes crises, mas cede às suas pressões*

ISABEL BRAGA

**B**RASÍLIA – O presidente Fernando Henrique Cardoso entra no sétimo mês do seu segundo mandato completamente isolado e à mercê do grupo do qual ele mais se queixa na base aliada: a cúpula do PSDB, partido que o elegeu e reelegeu. A solidão do presidente agravou-se com a morte de dois dos seus mais próximos amigos e fiéis colaboradores – o deputado Luís Eduardo Magalhães e o ministro tucano Sérgio Motta, morto no ano passado – e pela pressão criada pelas pesquisas de opinião pública, que registram índices de popularidade cada vez mais baixos.

Também contribui para o isolamento do presidente o recente distanciamento do senador Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA), interlocutor cuja presença tornou-se fundamental após a morte dos dois amigos. Junte-se a isso o último fator: um estilo vacilante de tomar decisões e a preferência pela conciliação. Somados todos esses ingredientes, o que se vê é um presidente acuado por seus próprios correligionários, que nem sempre saem em sua defesa ou do seu governo, mas nunca deixam de brigar pelos interesses do partido.

Nos últimos dias, Fernando Henrique tem mostrado a interlocutores diferentes uma incomum irritação com colegas



*O presidente: membros do governo chamam crise para dentro do País*

de partido, como os ministros das Comunicações, Pimenta da Veiga, da Educação, Paulo Renato Souza, e da Saúde, José Serra. Sua impaciência também alcança os governadores de São Paulo, Mário Covas, e do Ceará, Tasso Jereissati, que vêm fazendo pressões internas e públicas por uma reforma ministerial ampla, que beneficiasse o tucanato.

A última cartada dos tucanos foi a articulação da renúncia coletiva dos ministros do governo, anunciada na noite de terça-feira. A decisão do presidente foi tomada após

longas conversas com Covas e Pimenta da Veiga no fim da semana passada, em São Paulo.

**Responsabilidade** – Nos momentos de reclusão no Palácio do Alvorada, o presidente tem reclamado das sucessivas crises vividas pelo governo desde o escândalo do grampo no BNDES e do dossiê Cayman (documentos falsos sobre contas que o

presidente e alguns tucanos teriam em um paraíso fiscal). Na avaliação de Fernando Henrique, esses fatos foram trazidos a público por iniciativa de correligionários seus, co-

mo José Serra, e o ex-ministro das Comunicações, Luiz Carlos Mendonça de Barros.

Para o presidente, ainda segundo relato de um desses interlocutores, logo após as eleições, administrados os dois escândalos, os mesmos tucanos trabalharam intensamente contra a política cambial, espinha dorsal do plano de estabilização, no momento mais delicado da crise financeira internacional que abatia, então, a Rússia. “Foram membros do governo que chamaram a crise para dentro do Brasil”, comentou o presidente, referindo-se à entrevistas de Mendonça de Barros e comentários de Serra, contra o sistema de bandas cambiais.

Na ocasião, o governo empenhava-se em reafirmar a política cambial, contra especulações do mercado, alimentadas por vazamentos de dentro do governo. Por partirem de colaboradores próximos a Fernando Henrique – Mendonça de Barros era tido como o futuro e poderoso titular do Ministério da Produção, hoje do Desenvolvimento – a percepção dos investidores deteriorou-se rapidamente e a fuga de capitais decorrente foi inevitável.

O presidente lançou na quota de responsabilidade do tucanato até as acusações contra autoridades do Banco Central, por causa do socorro aos Bancos FonteCindam e Marka, que acabou originando a CPI do Sistema Financeiro. Segundo interlocutores próximos a Fernando Henrique, ele atribuiu aos sucessivos vazamentos o objetivo de atingir o ministro da Fazenda, Pedro Malan, que sempre incomodou Serra, Paulo Renato, Mendonça de Barros e Luís Carlos Bresser Pereira, titular da pasta de Ciência e Tecnologia.

**ALIADOS  
NEM SEMPRE  
DEFENDEM  
PLANALTO**